NARRANDO A PANDEMIA: OS TESTEMUNHOS DAS VÍTIMAS SOBREVIVENTES DO COVID-19 NO YOUTUBE[[1]](#footnote-1)

Bianca Rodrigues Pinheiro [[2]](#footnote-2);

**Tema**

A pandemia do Sars-CoV-2, mais popularmente conhecido como COVID-19, tem abalado nossas estruturas sociais, econômicas e psíquicas. Para além de fazer emergir modos inéditos de funcionamento da sociedade e do mercado, o novo coronavírus, por aproximar tão radicalmente a morte de nosso cotidiano, causa medo e angústia. Ainda não se sabe exatamente como a doença funciona nem por que afeta alguns com gravidade e outros com sintomas leves, ou até de maneira assintomática. Não saber como o vírus agirá sobre nosso organismo, na eventualidade de sermos por ele acometidos, nem sobre o corpo de nossos entes queridos, eleva a dúvida, a insegurança e o temor à sua potencialidade máxima. Tal panorama evoca em nós respostas intelectuais, emocionais e sociais bem variadas.

Do ponto de vista social, são múltiplos os modos como os sujeitos estão (re)agindo frente à pandemia. Se, por um lado, há aqueles que encaram o isolamento social de maneira estrita, abdicando de todas as atividades realizadas no mundo exterior às suas próprias casas, há também uma parcela de indivíduos que nega a gravidade do novo coronavírus, ignora as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e continua levando suas vidas como se nada estivesse acontecendo. Dentro desse panorama pandêmico, há também os sujeitos que são as vítimas sobreviventes da doença e decidem por compartilhar seus testemunhos sobre a experiência com o Sars-CoV-2 na internet.

Ao realizar uma busca no YouTube por testemunhos sobre coronavírus, encontramos um vasto acervo de vídeos, tanto produzidos pela mídia tradicional para a veiculação de matérias jornalísticas quanto aqueles gravados por indivíduos acometidos pela doença e que decidiram compartilhar suas experiências com os demais. Esses vídeos reúnem uma grande quantidade de visualizações e comentários, afinal, em um momento de desconhecimento a respeito do novo coronavírus, tal material serve como fonte de informação e, também, de esperança: quem narra sua experiência é um sobrevivente. Se, então, de acordo com Davis (2011), a pandemia de gripe espanhola de 1918 não conta com muitos registros na memória coletiva, apesar de sua gravidade e importância histórica, podemos dizer que a pandemia de Sars-CoV-2 já dispõe de uma gama de narrativas a respeito desse trauma coletivo recente e, também, inédito na vida da maior parte dos sujeitos.

Este trabalho, portanto, tem como proposta analisar três testemunhos de vítimas sobreviventes do novo coronavírus no YouTube. A seleção dos vídeos se dará levando em consideração os seguintes critérios: o material ter sido produzido por pessoas comuns[[3]](#footnote-3) e a quantidade expressiva de visualizações do conteúdo. Nesse sentido, o artigo se articula com o eixo temático “Tecnopolíticas e Cenários Pandêmicos”.

**Objetivo principal e justificativa**

Com a emergência do conceito contemporâneo de vítima e a entrada massiva das vítimas nos espaços públicos (WIEVIORKA, 2003), narrando suas histórias de trauma, sofrimento e superação, é cada vez mais comum que os indivíduos veiculem seus testemunhos nos mais variados meios de comunicação. Tais narrativas têm sido consideradas tão importantes – ou, por vezes, até mais importantes – quanto os discursos de intelectuais e historiadores em um cenário de crise da autoridade e dos experts (WIEVIORKA, 1998).

Levando em consideração que

Todo testemunho é gravado em um momento específico do tempo e, como tal, pode ser instrumentalizado em um contexto político e ideológico que, como todos os contextos, estão propensos à mudança. O momento em que um testemunho é veiculado nos diz muito a respeito da sociedade na qual a testemunha vive (WIEVIORKA, 2003, p. 137, tradução livre).

este trabalho pretende, a partir da análise de testemunhos selecionados de vítimas sobreviventes do Sars-CoV-2, compreender como esses indivíduos constroem suas narrativas e constituem subjetividade durante a pandemia do novo coronavírus. Entende-se que tal reflexão pode nos ajudar a interpretar o contexto pandêmico, uma vez que os discursos produzem efeitos de verdade de acordo com o contexto em que são enunciados (FOUCAULT, 2012).

**Bases teóricas da reflexão ou análise**

De acordo com Wieviorka (2003), as sociedades contemporâneas são marcadas pela ascensão das vítimas, que passaram a nutrir dignidade e orgulho a partir do reconhecimento, tanto pelo outro quanto por si mesmas, de seu status de vítima. O autor considera que movimentos de autoafirmação começaram a proliferar sobretudo a partir das duas últimas décadas do século XX, quando os judeus vieram a público dar seus testemunhos a respeito do sofrimento vivido durante o holocausto e os traumas decorrentes do período, inaugurando o que Wieviorka denomina “era das vítimas”.

Nesse contexto, ser vítima deixa de ser algo sem importância, como nos séculos anteriores, quando o foco estava no conjunto da sociedade e não no indivíduo e em seu sofrimento. Assim, disseminam-se, por exemplo, movimentos de doentes crônicos. Em relação às doenças crônicas, é particularmente interessante o caso da depressão, que ganhou a alcunha de “mal do século” e é frequentemente reivindicada como (auto)diagnóstico de indivíduos que passam a conceber o transtorno como algo intrínseco às suas identidades (PINHEIRO, 2019), enaltecendo seu self a partir da condição de vítima, que é, hoje, ressignificada como heroína (FUREDI, 2004). Desse modo, assim como os judeus passaram a ocupar o espaço público para narrar seu sofrimento, os classificados como depressivos vêm a público para contar seus testemunhos.

A maneira como lidamos com a pandemia do novo coronavírus está estreitamente relacionada à cultura da vítima. Apesar de não ser uma doença crônica, o Sars-CoV-2, no contexto atual de ignorância a respeito de seu funcionamento e na consequente multiplicação de um misticismo em seu entorno, mobiliza não só as subjetividades, mas também, materialmente, as vidas, dos indivíduos e do conjunto da sociedade. Porém, se no caso da depressão, a doença crônica emerge em decorrência de um trauma, com o novo coronavírus, a doença viral seria a causadora do trauma, e nós, portanto, seríamos todos vítimas virtuais de sua ação em potencial.

Mas, na prática, as “verdadeiras” vítimas são aqueles que foram acometidos pela doença. E ser vítima, nesse contexto, também traz suas positividades. Em primeiro lugar, apesar das controvérsias a respeito da duração da imunidade após o contágio, existe, no imaginário social, a ideia de que, se formos contaminados uma vez, o risco de sermos infectados novamente é bem reduzido, ou, ao menos, se nos contaminamos e nos recuperamos bem, a chance de fatalidade em uma eventual segunda contaminação seria ínfima; assim, os recuperados estariam livres do temor da doença e poderiam, em certa medida, flexibilizar o isolamento social. Em segundo lugar, ter sido vítima do novo coronavírus possibilita que o indivíduo seja utilizado não só como fonte de pesquisa, mas também como fonte de cura: é o caso do tratamento com o plasma sanguíneo dos curados, que teriam anticorpos capazes de ajudar outras pessoas a se recuperarem da doença[[4]](#footnote-4). Por último, só o fato de estar ou ter sido contaminado e, portanto, ser uma vítima do novo coronavírus, já aguça a curiosidade alheia, estimula sua compaixão e coloca o indivíduo no centro das atenções e do debate público – assim como, um dia, as narrativas das vítimas do holocausto e, hoje, da depressão, os testemunhos dos indivíduos acometidos pelo novo coronavírus proliferam nos mais diversos meios de comunicação.

A relevância do testemunho na sociedade contemporânea está intimamente relacionada à era da vítima. Desde meados dos anos 1980, há uma tendência de democratização dos atores históricos que se reflete na tentativa de dar voz às pessoas comuns, culminando na erupção das experiências ordinárias e dos testemunhos privados na esfera pública (WIEVIORKA, 1998). E, para além disso, existe, hoje, o denominado imperativo do testemunho: se, nos anos 1970, o testemunho permitiu que os próprios sobreviventes do holocausto relatassem sua dor, agora essa possibilidade se transformou em obrigação; é necessário que o sobrevivente fale não só para expurgar seu sofrimento e acoplar à sua identidade o trauma vivido – o que permitiria a redenção –, mas também para compartilhar o conhecimento advindo de sua experiência. É o que diz Wieviorka (p. 136, 1998):

O testemunho, então, mudou. Sobreviventes não são mais motivados a narrar suas histórias diante da câmera meramente por uma necessidade interna, apesar dessa necessidade ainda existir. Um verdadeiro imperativo social agora transforma a testemunha em apóstolo e em profeta[[5]](#footnote-5).

Em um cenário em que o caráter “apostólico” e “profético” da condição da vítima em particular do Sars-CoV-2 é acentuado devido à falta de conhecimento científico consolidado sobre o tem, as vítimas da COVID-19 podem aparecer, em um primeiro momento, como detentoras das informações que ajudariam a preencher essa lacuna do conhecimento, conquistando um lugar de autoridade em uma conjuntura pandêmica.

**Referências bibliográficas**

DAVIS, D. A. **The forgotten apocalypse**: Katherine Anne Porters "Pale Horse, Pale Rider", Traumatic memory, and the influenza pandemic of 1918. The Southern Literary Journal, Vol. 43, No. 2, p. 55-74, 2011.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

FUREDI, F. **Therapy Culture** – Cultivating vulnerability in an uncertain age. Abingdon: Routledge, 2004. E-book. n.p.

PINHEIRO, B. **Depressão, testemunho e subjetividade**: relatos autobiográficos de indivíduos classificados como depressivos na internet. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Orientador: Paulo Roberto Gibaldi Vaz.

WIEVIORKA, A. **The era of the witness**. Londres: Cornell University Press, 1998.

WIEVIORKA, M. **L'émergence des victimes**. Sphera Pública, No. 3, p. 19-38, 2003.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 1: Tecnopolítica e Cenário Pandêmico, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: biancarpin@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Por “pessoas comuns” entende-se indivíduos que não detêm autoridade científica ou médica para tratar do assunto, nem são pessoas de destaque na mídia. [↑](#footnote-ref-3)
4. Disponível em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/08/tratamento-com-plasma-sanguineo-com-anticorpos-da-covid-19-comeca-a-dar-resultados-no-rio.ghtml> > Acesso em 15 out. 2020. [↑](#footnote-ref-4)
5. Testimony, the, has changed. Survivors are no longer motivated to tell their stories before the camera purely by an internal necessity, though this necessity still exists. A veritable social imperative now transforms the witness into an apostle and prophet. [↑](#footnote-ref-5)